

Perfis e memórias: A Vila Operária Fabril de Anápolis (1950-1970)

Genilda D’Arc Bernardesⁱ; Giovana Galvão Tavares^{ii,iii}

RESUMO

O estudo foca experiências das vilas fabris no Brasil, e a reconstrução da história da Vila Fabril, de Anápolis/Goiás, nas décadas de 1950 a 1970. Reconstitui a história da industrialização no Brasil, recompondo, nos dias atuais (BOSI, 1994), por meio de fotografias e relatos orais as experiências industriais da Vila e faz refletir as relações trabalhistas, de classe, e do cotidiano daqueles que habitavam o bairro. Essa história nos remete às experiências regionais e do Brasil (SANTOS, 2008; MAGALHÃES, 2008; ROSSI, 1994; CARPINTERO, 1994), no âmbito da eclosão da industrialização, da organização sindical, e do processo de urbanização e industrialização do interior do País. Inicia-se com o Frigorífico Goiás (posteriormente, Bordon e da SWIFT, e Friboi), foi receptora das fábricas de cerâmicas e olarias (São Vicente, 1950; Induspina, 1950; Santa Maria, 1950, entre outras), que nos anos de 1950 e 1960 atendiam às necessidades de construção civil em Goiânia e no Distrito Federal. Investiga o seu declínio econômico e as políticas públicas que proporcionaram a criação e do Distrito Agro-Industrial de Anápolis (DAIA). Imagens e relatos foram entendidos como portadores de significados e de simbolismo, motivadores para estruturar e reconstituir a memória do lugar e o registro de suas paisagens.

Palavras-Chave: Memória, cotidiano, Vila Fabril.

1. Introdução

*Meus dias se vão de sonho em sonho”
Quem melhor que nós pode sentir tudo quanto há de mais doloroso na
expressão desses versos, nós, que tantas vezes tentamos alcançar um
lugar ao sol, sem conseguir; nós, que conhecemos todos os prazeres
que Deus espalhou sobre a terra e que, entretanto nunca o provamos
a não ser na imaginação; nós, que temos o sentimento de nossa
dignidade e sempre a vimos desprezada; nós, enfim, que esperamos e
perdemos a esperança vinte vezes.*

Ao vasculharmos os acervos das instituições culturais da cidade de Anápolis, especialmente o do Museu Histórico de Anápolis “Alderico Borges de Carvalho”¹, percebemos a riqueza de informações ali contidas – objetos, documentos e,

ⁱ Socióloga, Profa Dra e Coordenadora do Mestrado em Sociedade, Tecnologia e Meio Ambiente.

ⁱⁱ Geógrafa, Profa, doutora em Ciência na Unicamp e pesquisadora da UniEvangélica.

ⁱⁱⁱ Odair Firmino de Sousa; Janaina Alves Ferreira Graduandos participantes do PBIC, o primeiro aluno de História e a segunda de Pedagogia da UniEvangélica.

O Museu Histórico de Anápolis foi instalado pela portaria nº 261 de 24/09/1971 e teve o professor Jan Magalinski como seu primeiro diretor. No ano mencionado a instituição teve como missão a constituição do acervo, organização de exposição, realização de cursos, promoção de reuniões culturais e publicação do Jornal do Museu. Em 1973 através da Lei n. 390 de 27 de junho do ano citado o Museu foi considerado de utilidade pública e se constituiu num espaço de resgate da memória local e da preservação cultural da cidade de Anápolis. Em 26/07/1975 o Museu foi aberto a comunidade anapolina. Hoje, a Instituição tem por função social e cultural desenvolver pesquisas e projetos de pesquisas; técnicas, recursos e ações educativas, bem como publicações (Cf. CHIAROTTI, 2009).

principalmente, imagens fotográficas. Esta última nos chamou atenção por serem imagens históricas que contam, quando analisadas, as transformações paisagísticas da cidade, desde a primeira década do século XX até aproximadamente a década de 1980². Mas as imagens não são as únicas fontes de lembranças que nos contam acerca do passado da cidade, há também seus residentes que vivenciaram parte de sua “história escondida”. Eles ou também como podemos chamá-los de “personagens escondidos”, guardam em suas lembranças pedacinhos de outrora que dão significado ao espaço urbano atualmente produzido e/ou ressignificado. São “personagens escondidos”, cujos espaços de atuação constituem territórios de experiências pessoal e coletiva das primeiras indústrias e moradias operárias em Goiás. Traços que deixaram os indivíduos às voltas com seu destino, seu tempo e singularidades. (GINZBURG, 1989)

As observações a essas duas fontes - fotografias e oralidades – (CIAVATTA, 2002) nos instigaram a pensar sobre as produções científicas do espaço urbano anapolino e ao fazermos levantamentos bibliográficos (livros, dissertações de mestrados, monografias de graduação, artigo publicados em jornais e revistas, entre outros documentos), percebemos que ainda há muito trabalho para ser feito acerca dos estudos do espaço urbano do município de Anápolis. Cidade dos rincões de Goiás e que hoje se apresenta na modernidade de seu pólo industrial farmacêutico, da Hyundai, entre outros.

O uso e análise da imagem fotográfica e relatos orais para recuperar a história do cotidiano presente na memória dos informantes levou-nos a Ribeiro (1994) A autora pesquisou a história do Brás em São Paulo com ênfase na leitura de fotografias que registram a materialidade das relações cotidianas, das lembranças e do imaginário, expressos em depoimentos. “A ênfase dada a fotografia e aos desdobramentos que ela possibilita no momento em que é interpretada tem importância crucial para o informante e para o pesquisador. Ela carrega e motiva, desde sua gênese até o ato da leitura, informações que remetem à constituição histórica do cotidiano” (RIBEIRO, 1994, p16).

Assim, as imagens foram aqui entendidas como portadoras de significados e de simbolismo sendo utilizadas como conteúdo motivador tanto para estruturar a entrevista na reconstituição da memória do lugar como também registro de uma paisagem, pois compreendemos que as imagens fotográficas são manifestações sociais, políticas, culturais de uma determinada época.

Isto posto, recorreremos aos entrevistados e aos arquivos públicos e particulares da cidade de Anápolis a fim de agruparmos o maior número de imagens que pudessem nos revelar o objetivo desta pesquisa. E, posteriormente, recorreremos ao paradigma indiciário proposto por Ginzburg (1989), no qual está presente a discussão sobre o conceito de totalidade social e a questão metodológica da relação entre o todo e as partes, entre o particular e o universal, questões fundamentais nas ciências humanas e sociais. O método indiciário dedica-se aos vestígios marginais, aos resíduos considerados reveladores de um universo maior, daí sua importância para nossa pesquisa, pois, conforme Ciavatta (2002, p. 44) “se a compreensão do

² As imagens fotográficas em exposição no Museu Histórico registram a cidade de Anápolis do final do século XIX, e todo o século XX. Proporcionando a visualização de manifestações, objetos, personagens, arquitetura, festividades entre outros que contam a história do lugar.

mundo social não pode ser feita diretamente, deve-se partir de pistas que aparecem, para relacioná-la entre si e com os processos mais amplos. Nesse sentido, as fotografias podem fazer parte dos conjuntos de indícios que, agregados as informações de outra natureza”, podendo, nesse caso, decifrar as fotografias coletadas.

Os relatos orais, outra fonte preciosa para nossa pesquisa, teve como principal objetivo levar o depoente a olhar para trás e enxergar sua vida no tempo delimitado da pesquisa. Não moldamos os relatos com perguntas sucessivas, mas sim buscamos proporcionar ao entrevistado “um fluir” nos relatos, direcionando-o ao contexto ao qual a pesquisa se reporta.

Diante do quadro desenhado, desenvolvemos o projeto de pesquisa “Memória e lugar: estudo da memória urbana da Vila Fabril/Anápolis/GO (1950 – 1970)” a fim de investigarmos uma parte do espaço urbano de Anápolis. O resultado é, antes e mais nada, a história do cotidiano marcado pela sequência normal de trabalho e descanso de mulheres e homens na Vila Fabril. Para tanto, o projeto teve como objetivo:

Levantar a história da implantação e consolidação da vila operária fabril, compreendendo as principais razões de sua criação, tendo em vista o seu papel social e econômico desse para o município de Anápolis. Ao mesmo tempo, buscar evidenciar os personagens que compuseram sua classe operária, e analisar a organização do cotidiano dos moradores da vila nos anos em que a pesquisa se propõe” (BERNARDES & TAVARES, 2008, p.04)

A escrita, que ora segue, faz parte das conclusões sobre a pesquisa, esperamos, sem grandes pretensões, que ela contribuía para a ampliação dos estudos urbanos das vilas operárias no Brasil e sobre a memória urbana da cidade de Anápolis.

2. A formação das Vilas Operárias de Anápolis

As vilas operárias surgiram no século XVIII na Inglaterra e na Escócia com o nome de vilas modelos e foram “construídas por proprietários [...] que fixaram os seus trabalhadores, oferecendo a eles moradias, escolas, farmácias, hospitais [...]. Além disso, educação dos filhos e ainda um instituto para a formação do caráter dos trabalhadores” (RANCIÈRE, 1981; CARPINTEIRO, 1998, p. 129). No Brasil as vilas operárias foram construídas primeiramente na década de 1920 nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro (Mooca, Brás e Bom Retiro, por exemplo). Esses espaços ainda compõem o cenário urbano das cidades brasileiras, pois “não são um capítulo encerrado do passado da criação de meio urbano brasileiro [...]. Perduram na paisagem, marcam a moradia, têm um papel na lógica da urbanização e um sentido nos processos de reajustamento das relações de produção” (BLAY, 1985, p.07).

Em Goiás, a primeira vila operária surgiu em Anápolis. Destaca-se que a cidade mencionada teve sua origem no século XIX como resultado do processo de povoamento do sul do estado de Goiás, sendo emancipada no início do século XX e a partir dos anos de 1930, especialmente com a chegada da estrada de ferro em 1935, “a cidade passou a sentir e manifestar com maior evidência os efeitos

econômicos e sociais da industrialização nascente dos centros mais dinâmicos do país São Paulo e Rio de Janeiro” (Cf. SOUZA, 1974, p.645). Anápolis passou a exercer o papel de entreposto comercial das produções agropecuárias regionais e das manufaturas dos centros produtores nacionais, fato que provocou o aumento considerável da população do município.

Outro fato de atração populacional para Anápolis foi à construção da capital do estado de Goiás, além daqueles provocados pelo programa do Governo de Getúlio Vargas, Marcha para Oeste nos anos do Estado Novo, como Ceres e Rialma no Vale de São Patrício. Nos anos de 1930 e 1940 a cidade ocupou papel primordial no desenvolvimento do estado de Goiás, especialmente quando foram instaladas no município diversas fábricas de produtos para a construção civil e frigorífico que tiveram como papel abastecer a nova capital do estado e cidades circunvizinhas

E é nesse cenário de efervescência que impulsionou existência do aglomerado de fábricas na região Oeste da cidade de Anápolis, a saber: a Cerâmica São João fundada em meados dos anos 1930 por Jad Salomão; a Cerâmica São Vicente fundada em 20 de junho 1948 por Vicente Carrijo Mendonça; a Cerâmica Induspina, existente desde a segunda metade da década de 1930, propriedade de Agostinho de Pina; a Cerâmica Miotto fundada em 1947, de propriedade do senhor Guarino Miotto e, ainda a Cerâmica Santa Maria, chamada também de Gboi, nos anos de 1950, pertencente aos primeiros donos do Frigorífico Goiás ali também instalado. Tal aglomerado proporcionou a criação de conjuntos de moradias para seus operariados, ora financiados pelos donos das indústrias, ora pelo próprio operariado. A Vila Operária Fabril se desenvolveu com a instalação do Frigorífico de Goiás (conforme, inicialmente, nomeado pelos moradores), das olarias e das indústrias de Cerâmicas, sendo as pioneiras: Cerâmica São Vicente e Cerâmica Induspina (essa última de propriedade de Agostinho do Pina), também, segundo moradores, a Cerâmica Miotto (de Guarino Miotto).

Denominam-se Vila Operária os conjuntos de casas construídas pelos empresários para moradia de trabalhadores na indústria (CORREIA *apud* SANTOS, 2008). Nestes termos, a experiência de industrialização da vila em foco, com um “núcleo fabril”, enquadra-se nesse conceito. Segundo Santos, as vilas operárias se apresentaram como uma estratégia construída com um propósito de manter o operariado próximo a unidade produtiva. Assim, elementos atrativos foram empregados para que os trabalhadores se dispusessem a permanecer junto ao local de produção.



Foto 01 - Cerâmica Induspina

Fonte: Arquivo fotográfico do Museu histórico de Anápolis “Alderico Borges de Carvalho”, sem autor e sem data. .

A Cia Fabril e Comercial de Goiás composta pelo Frigorífico Goiás, Cerâmica GBoi e mais três olarias, deparou-se com a necessidade de construir habitações para funcionários especializados. De acordo com nosso entrevistado J. V. o conjunto começou a ser erguido na década de 1950, sendo concluído pelo frigorífico Bordon³ nos anos setenta.

Mas anterior às construções das moradias houve a necessidade de abrigar trabalhadores do Frigorífico Goiás, conforme Boletim da Paróquia São Judas Tadeu (2004 p.8-9): “foi construída uma república para abrigar os funcionários. Esta república passou a ser chamada de pensão. [...] com a grande procura de trabalho vieram para cá muitas famílias por isso foram construídas colônias para os empregados do Frigorífico e das Cerâmicas”.



Foto 02 - Conjunto FRIGOIAS em Anápolis/GO

Fonte: Arquivo Museu histórico de Anápolis “Alderico Borges de Carvalho”,s/autor, s/data.

³ Em 1960 foi criado o Frigorífico Bordon S.A. Em 1965 a empresa adquiriu o complexo industrial do Frigorífico Armour do Brasil, com sede em São Paulo. Em 1970 o Bordon veio e arrendou o Frigorífico de Goiás da Vila Fabril/Anápolis, comprando-o definitivamente por volta de 1973/4.

A Cia Fabril e Comercial de Goiás construiu duas vilas para seus operários. O primeiro denominado de Conjunto FRIGOIÁS constituía-se de casas padronizadas, sem esgoto ou água tratada e localizava-se a 200m de distância do frigorífico. A distribuição das residências dava-se por duas ruas, uma na vertical outra na horizontal, formando um “L”. Nelas residiam: faqueiros, encarregados e gerentes, etc., que eram considerados mão-de-obra especializada e que vieram de outras cidades dentro ou fora do estado de Goiás. À frente do frigorífico, conforme depoimento de ex-funcionário J.V., “tinha uma árvore e um comércio onde os trabalhadores tomavam café e, ainda, o único posto de combustível [até hoje existente], e ao lado havia [hoje demolida] a Cerâmica Santa Maria Gboi, e ao seu lado a Colônia das Cerâmicas, onde hoje ainda permanecem alguns dos trabalhadores das cerâmicas e olarias”.

A Colônia das Cerâmicas foi formada por poucas casas doadas pelos proprietários da Cerâmica Santa Maria aos seus funcionários. Essas casas, sem padronização, também eram pequena, sem esgoto e sem água tratada. Entre as residências havia duas ruas atravessadas no sentido horizontal e uma na vertical paralela à hoje extinta Cerâmica Gboi.



Foto 03 - Colônia das Cerâmicas construídas pela Cia. Fabril e Comercial de Goiás
Fonte: Arquivo Museu Histórico de Anápolis “Alderico Borges de Carvalho”,s/autor,
s/data.

As imagens das fotos 02 e 03 apresentam as casas com a mesma padronização, tanto naquelas do Conjunto FRIOBOI, quanto naquelas da Cerâmica GBoi. O espaço, no qual foram construídas, apresenta uma área relativamente extensa e com vegetação arbustiva no fundo das moradias. Nas imagens, também, destacam-se a presença de crianças que também fizeram, em sua maioria, parte da mão-de-obra das indústrias ali localizadas. O ar bucólico das imagens nos remete um tempo em que a cidade de Anápolis estava no início de seu processo de expansão industrial e já recebia, através dos meios de comunicação local e regional, a denominação de cidade industrial.

Ainda nos anos de 1950, próximo aos conjuntos acima mencionados, o Sr. Vicente Carrijo Mendonça, proprietário da Cerâmica São Vicente, loteou parte de sua fazenda Mata Amarelo para a criação da Vila Fabril. O empreendimento foi lançado em 10 de outubro de 1951. Sua intenção, a nosso entender, era vender lotes às pessoas que

estavam migrando para a cidade de Anápolis, especialmente, para aquelas que vieram para trabalhar no frigorífico, nas indústrias de cerâmicas e demais empresas.

Na época o empreendimento situava-se na zona rural do município de Anápolis, com distância aproximada de 6 km do centro da cidade, que com o passar do tempo se integrava à cidade devido ao processo de expansão urbana do município. Sobre os lotes vendidos o trabalhador J. O. relata: era mais fácil para eles construir suas casas ali porque tinham perto deles todos os materiais para construção de suas casas.

Assim era comum o trabalhador adquirir lote na Vila, e em alguns casos receber de seus patrões, proprietários das cerâmicas, doações de tijolos entre outros materiais da construção civil. As moradias dos operários da Vila loteada, em grande parte não foram doadas ou construídas pelos patrões, a exemplo das vilas operárias modelos criadas na Europa, e daquelas implantadas pelas primeiras indústrias brasileiras de São Paulo, Rio de Janeiro e de Salvador. O Conjunto Frigoiás e a Colônia das Cerâmicas, a nosso ver, caracterizavam-se, no momento de sua construção, como núcleo fabril, pois estavam localizadas no espaço rural do município, conforme definição de Santos (2008)⁴. Outro fato, a nosso entender importante, e que nos anos de 1950 o loteamento feito pelo fazendeiro Vicente Carrijo de Mendonça não se caracterizava, conforme conceito de Carpintero (1996), como vila operária, pois de acordo com a definição as residências deveriam ser construídas pelos proprietários das empresas e conter toda uma infraestrutura básica de atendimento aos funcionários e sua família (escolas, atendimento médico etc), além dos princípios a higienização, racionalização e o embelezamento.

A nosso ver, Vila Operária Fabril era um bairro tipicamente de funcionários das empresas ali instaladas e apesar de pequenas residências eram as moradias construídas pela Cia. Fabril e Comercial de Goiás que se aproximavam do conceito de vila operária, já que foram construídas pelos proprietários das empresas. Assim, podemos afirmar que nessa região de Anápolis aparecem duas experiências de consolidação de vilas operárias: aquelas construídas pela empresa e aquela formada pelo próprio funcionário da empresa, mas nenhuma delas possuía infraestrutura – escola, atendimento médico-hospitalar, saneamento básico etc.; para atender as demandas existentes dos operários.

Destarte, que a formação do aqui entendido por nós como complexo de moradias de operário (Conjunto FRIOBOI; Conjunto GBOI; Vila Operária Fabril) proporcionou intensificação da imigração de pessoas vindas de cidades de Goiás e de outros estados brasileiros. Em relatos orais os entrevistados nos contaram que vieram das seguintes cidades: Inhumas, Pires do Rio, Ipameri, Goiânia; todas pertencentes ao estado de Goiás e, ainda, dos estados de São Paulo e Minas Gerais. E importante destacar que a primeira leva migratória teve no frigorífico seu principal motivo.

Segundo Polonial (2000) o aumento populacional da cidade de Anápolis deu-se quando da sua transformação em maior pólo atacadista do Centro-Oeste (1930/1960). Na década de 1950, a população urbana supera a rural, quando 63,55% da população do município moravam na cidade, e 36,45% permaneciam nos distritos e nas propriedades rurais.

De maneira geral, a cidade de Anápolis fora a que mais recebeu imigrante de diversas partes do país o que, guardada as devidas proporções, intensificou o

⁴ As vilas operárias são espaços construídos em áreas urbanas e os núcleos fabris em áreas rurais, para melhor entendimento ver Santos, 2008.

desenvolvimento econômico da região de Anápolis. No decorrer das décadas de 1930/1960, motivadas pela construção de Goiânia e Brasília, Anápolis experimentou um enorme desenvolvimento, tendo como setores mais dinâmicos o terciário e o primário. Esse desenvolvimento fez com que a cidade se transformasse no maior centro comercial do Centro-Oeste nos até 1960.

Vale mencionar que nas décadas de 1940/1950 formaram-se também outros pequenos complexos industriais, a saber: na Vila Jaiara com a construção da Companhia Tecelagem Vicunha S/A e no setor Jundiá com predominância de cerealista. A distribuição geográfica desses complexos industriais formava novos espaços urbanos que, de certa forma, configuravam a inexistência de planejamento público para a indústria local. Assim sendo, naquele momento, houve a predominância de três ramos industriais no município de Anápolis: gêneros alimentícios (vegetal e animal), têxtil e de transformação mineral não metálica.

A partir dos anos de 1960 o complexo de moradias operárias e os setores adjacentes se tornaram receptores de diversas outras empresas e fábricas de cerâmicas e olarias. Nos anos de 1970 o espaço foi sendo remodelado devido às políticas de planejamento do período da ditadura militar que para Anápolis culminou com a criação e implantação do Distrito Agro-Industrial de Anápolis (DAIA). A nosso entender, a consolidação do DAIA proporcionou a derrocada das indústrias localizadas às margens das vilas operárias e, conseqüentemente, uma reestruturação do espaço urbano da cidade.

2. O Cotidiano do Operário: mundo do trabalho e mundo da vida.

Nosso ponto de partida é a reconstituição do cotidiano dos operários do complexo de moradias mencionado, ou seja, o conhecimento da vida real destes trabalhadores nos locais de trabalho e extratrabalho, compreendido na família, vizinhança processos educativos formais e não formalizados que ao produzirem um modo de vida produziram representações, idéias que nos ajudam a compreender as manifestações de sua consciência social neste momento.

A compreensão adequada do cotidiano como o “*locus*” das relações de produção e a produção da consciência nos remete ao estudo de Heller (ANO). Segundo Heller, “a vida cotidiana é a vida do homem inteiro: ou seja, o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade, nela, colocam-se “em funcionamento” todos os seus sentidos, todas as suas paixões, idéias, “ideologias”. A estudiosa enfatiza o caráter heterogêneo e hierárquico da vida cotidiana. Para ela: a organização do trabalho, e a vida privada, os lazeres e o descanso, a atividade social sistematizada, o intercâmbio e a purificação, são partes orgânicas da vida cotidiana. E obedecem a uma hierarquia que se modifica em função das diferentes estruturas econômicas sociais.

Certeau (1996) define o cotidiano como aquilo que nos pressiona dia a dia, que nos prende ao interior. Em suas palavras:

O cotidiano é aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão do presente. [...] É um mundo que amos profundamente, memória olfativa, memória, memória dos lugares da infância, memória do corpo, dos gestos da infância, dos prazeres. (CERTEAU, 1996, p.31).

A nossa compreensão é de que o homem desde o seu nascimento herda a cotidianidade da humanidade acumulada historicamente. Ao mesmo tempo em que assimila a manipulação das coisas, assimila as relações sociais, aprende relações comportamentais que o permitem extrapolar sua vivência nos grupos primários, passando a se relacionar na sociedade em geral. Nesse sentido a vida cotidiana constitui o centro do acontecer histórico.

Assim, o cotidiano destes trabalhadores constitui produto da vivência passada em outras localidades e, posteriormente, dado pela formação da Vila Fabril e de sua participação no mundo do trabalho, das quais se edificaram maneiras de pensar e de agir, formas de representações e percepções deste cotidiano.

O conceito de mundo do trabalho, se o compreendemos no contexto histórico abordado, se amplia uma vez que não há uma barreira explícita entre ele e o mundo da vida. Ambos, no dia a dia se misturam criando uma fronteira fluída. Nele estão referenciados atividades materiais, produtivas, e os processos de criação cultural que se geram em torno da reprodução da vida. Esta posição desautoriza qualquer simplificação que reduz o mundo do trabalho a uma das suas formas históricas aparente, segundo Ciavatta:

[...] tais como a profissão, o produto do trabalho, as atividade laborais, fora da complexidade das relações sociais que estão na base dessas ações. Apenas enfocando o trabalho na sua particularidade histórica, nas mediações específicas que lhe dão forma e sentido no tempo e no espaço, podemos apreendê-lo ou apreender o mundo do trabalho na sua historicidade, seja como atividade criadora, que anima e enobrece o homem, ou como atividade aviltante, penosa que aliena o ser humano de si mesmo, os demais e dos produtos do trabalho.

Com essa compreensão definimos a pesquisa. Entrevistamos cerca de 20 sujeitos, entre homens e mulheres, residentes das vilas operárias que vivenciaram o cotidiano das fábricas nos anos de 1950/1970. Nas entrevistas foram abordados 09 categorias distintas: migração (cidade/cidade, campo/cidade); relação de trabalho (operário/operário, operário/padrão); lazer; relação trabalhista (CLT, trabalho infantil e gênero); educação; família; demissão e admissão; formas de organização no mundo do trabalho e na vida e, por último, migração internacional. Para esse artigo abordaremos apenas quatro: migração (cidade/cidade, campo/cidade); demissão e admissão; formas de organização e migração internacional.

Os depoimentos indicam que esses sujeitos vieram de diversas localidades externas e internas ao estado de Goiás, trazendo algo em comum: origem rural, precária alfabetização, e um sonho muito grande de mudar de vida expressada como melhoria na qualidade de vida. Muitos vieram casados e alguns se casaram depois que já estavam na Vila Fabril. Em relato oral o Sr. F.D.A. (2009) nos conta:

[...] primeiro nós morava Inhumas...lá, lá na roça, lá atrás lá, daqui uns 3Km, morei lá 1 ano e pouco, aí mudei aqui pra fabril e entrei no frigorífico, foi mais uns dois anos, né? Aí tendo a safra seca, pára né? Cas que o gado esmagrece, né? Aí pára aí eles pararam a matança, sempre eu ia pros mato, assim tirar lenha, tava desempregado num podia ficar parado, tra vez vinha qui pra cerâmica trabalhava aí.

O depoimento acima se aproxima de vários outros relatos de nossos entrevistados, no qual a migração do campo para cidade e o retorno para seu lugar de origem (campo), quando a indústria entrava em recesso ou fechava, fazia parte do movimento anual dos operários. Além disso, havia uma troca de emprego do operário entre cerâmica/cerâmica e entre cerâmica/frigorífico, fato que não proporcionava ao operário sua saída da área das indústrias ou das residências que eram doados pelos proprietários das fábricas, mas, sem dúvida, era reflexo do próprio funcionamento das empresas ali instaladas. Em depoimento do Sr. V. P.A. e de sua esposa fica explícito nossa afirmação:

[...] Qui trabalhei [GBOI] uns 10 anos, né? Continuou e perguntou à esposa para confirmação? – Aí, fiquei doendo de uma doença aí, fiquei encostado 6 mês, fiquei lá no sanatório, faltou 3 dias pra ficar lá 3 meses. Problema dor de cabeça, senusia, sarei comecei trabalhar na cerâmica, aí ela fechou, cabou, fui pro frigorífico.

Fato mais evidenciado no depoimento do Sr. F. D.A.:

[...] É, trabalhei mais uns tempo aqui [Cerâmica], depois fui pro frigorífico, trabalhei mais uns tempo aí, parou, aí já era do Bordon e da Swift, aí vim voltei pra cerâmica, mas uma lá do outro lado trabalhei 2 anos, depois voltei pro frigorífico de novo, aí já é do tempo da Swift, Bordon, é mesma firma mas mudou né pra Swift, foi mais também 2 anos, depois aí fechou, vortei pra cerâmica lá, é aí abriu de novo, cas a gente morava aqui nas casa, né? Aí era bom a gente ir, num sair. Ah vou pra lá, aí vim. Depois ele fechou. A Friboi comprou, alugou num sei, uns anos e pouco. Aí parou, aí vortei pra cerâmica, trabalhei uns 7 anos.

O espaço urbano do complexo das vilas operárias produzia empregos para seus moradores e tornou-se, evidentemente, *locus* de atração de imigrantes para a cidade de Anápolis durante as décadas de 1940/1970. Mas, o trabalho nas cerâmicas e olarias e no frigorífico não se restringia ao adulto, as crianças e mulheres também o executava. O trabalho infantil que não era considerado ilegal e a família entendia-o como condição indispensável para a própria subsistência do grupo familiar, já que lhe aumentava a renda.

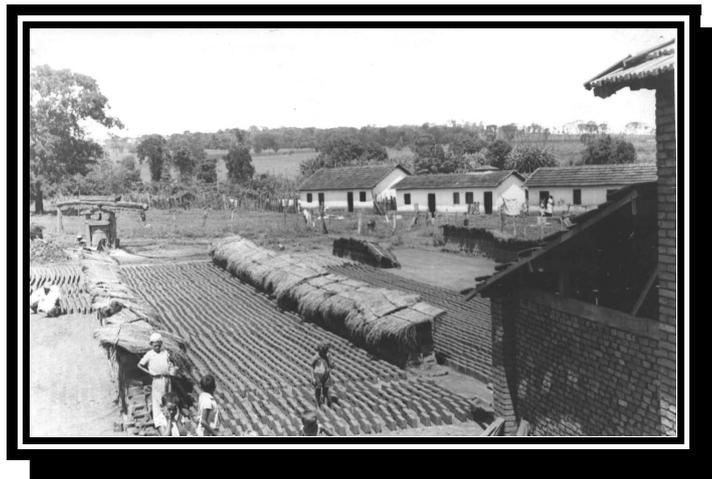


Foto 04 – Trabalho Infantil em Olaria da região oeste da cidade de Anápolis.
Fonte: Arquivo Museu Histórico de Anápolis “Alderico Borges de Carvalho”,s/autor,
s/data.



Foto 05 – Trabalho Infantil em Olaria da região oeste da cidade de Anápolis.
Fonte: Arquivo Museu Histórico de Anápolis “Alderico Borges de Carvalho”,s/autor, s/data.

O trabalho feminino, em alguns relatos, extrapola o contexto doméstico e adentra o mundo das fábricas. Essa inserção da mulher no trabalho externo ao doméstico não era comum à época. Entretanto, Hobsbawm (1987) relata a ocorrência de trabalho feminino e infantil nas fábricas da Inglaterra. Outra dimensão que deve ser observada é o fato das mulheres estarem acostumadas com a lida no campo, pois nele elas exercem um conjunto de atividades (plantio e colheita, pecuária, produção de lenha, entre outras) junto com o marido. Os depoimentos revelam um pouco do trabalho da mulher nas cerâmicas. Vale citar o da S. F.C. moradora a 48 anos da Vila Fabril:

As cerâmicas traziam varias pessoas para a nossa comunidade, que vinham a procura de material de boa qualidade, pela qual era uma cerâmica modelo na cidade de Anápolis,

na qual o dono da cerâmica via muito a parte dos funcionários, era muito amigo ajuda muito as pessoas e, os funcionários eram muito bem tratados, e ele preocupou em construir casas para eles, que são as chamadas colônias para abrigar os funcionários com suas famílias, que antes viam apenas os homens para o trabalho nas cerâmicas, que posteriormente trouxeram as famílias, e **algumas mulheres trabalhavam nas o cerâmicas**. [grifo nosso] que aí foi crescendo e posteriormente uma fazenda foi transformando em uma vila, através da venda dos terrenos.”

Outra depoente, Sra. M A nos contou que começou a trabalhar nas cerâmicas da Vila Fabril desde pequena, quando ficou mais velha, adulta, foi trabalhar no frigorífico.

Em relação ao cotidiano dos moradores/trabalhadores dessas indústrias constam que desempenhavam nelas funções diversas, como: 1) carregar barro nas cerâmicas, com carroça de animal, do quintal da empresa; descarregar caminhão de lenha; 2) Operador de máquinas de fazer piso, etc. No frigorífico, na câmara, tirava-se o boi da carretilha, etc. Neste período, os trabalhadores tinham longas jornadas de trabalho, exercendo serviços pesados e cansativos (além de 8 horas previstas, trabalhavam, às vezes, mais de 8 ou 9 horas), revezavam o tempo de trabalho em noturno e diurno, acordavam de madrugada para trabalhar, de acordo com ex-trabalhador em entrevista.

Diversos depoentes narravam à precariedade das formas de trabalho e os danos ocasionados pelas condições de trabalho. Não eram raros os depoimentos que versam sobre a precariedade da saúde relacionada ao trabalho nas cerâmicas e no frigorífico. Segue o depoimento do Sr. V.S.A.:

[...] Aí lá cabeí com minha saúde [Cerâmica]! Rebentei os tendões do braço! Os dois óia aí ó [Falou mostrando as cicatrizes nos braços] Aqui esse, trabalhei com artrose, angina, diabete, é com isso tudo, dia que trabalhava muito, dia não, que trabalhava todo dia, tinha dia que punha té dois caminhão de lenha, no sol, sozinho e Deus. Serviço pesado mexendo com lenha. Parece que foi assim... Lenheiro, que mexia com lenha – carroça, lenha de carroça, levava pra boca do forno, tirava da carroça levava. Disse a esposa. – É caminhão descarregava e eu punha lá na boca do forno pra queimar. Aqui trabalhei que ele mandou, muitos anos qui! – Confirmou o Sr. Francisco apontando para o terreno onde existia a Cerâmica Santa Maria. – Vitória nós num teve não, nós num teve vitória, vitória nossa é o que vocês tão vendo aí: ele é hoje doente né, com a perna amputada, vitória a gente num teve!

[...] A Friboi comprou, alugou num sei, uns anos e pouco. Aí parou, aí vortei pra cerâmica, trabalhei uns 7 anos. Aí lá cabeí com minha saúde! Rebentei os tendões do braço! Os dois óia aí ó – Falou mostrando as cicatrizes nos braços. – Aqui esse, trabalhei com artrose, angina, diabete, é com isso tudo, dia que trabalhava muito, dia não, que trabalhava todo dia, tinha dia que punha té dois caminhão de lenha, no sol, sozinho e Deus. Serviço pesado mexendo com lenha. Parece que foi assim... Lenheiro, que mexia com lenha – carroça, lenha de carroça, levava pra boca do forno, tirava da carroça levava. Disse a esposa. – É caminhão descarregava e eu punha lá na boca do forno pra queimar. Aqui trabalhei que ele mandou, muitos anos qui! – Confirmou o Sr. Francisco apontando para o terreno onde existia a Cerâmica Santa Maria. – Vitória nós num teve não, nós num teve vitória, vitória nossa é o que vocês tão vendo aí: ele é hoje doente né, com a perna amputada, vitória a gente num teve!

No fim da década de 70, segundo J. L., ex-presidente do Sindicato dos Trabalhadores do Frigorífico, os funcionários das indústrias começaram a se organizar, a lutar para conscientização da categoria, passando, então, a exigir os seus direitos. Até o término dessa década, não há registro de qualquer movimento de paralisação por parte

dos trabalhadores, mas fica evidente que os trabalhadores se organizavam, reivindicavam aumento salarial com destaque para a fundação do Sindicato dos trabalhadores. Porém, entre eles haviam controvérsias sobre esse movimento. Nas falas, ora afirmam a ocorrência de organização e reivindicação, ora relatam que encontravam - se satisfeitos com as condições de trabalho.

Para o Sr. J. V., que trabalhou no Frigorífico, os funcionários estavam satisfeitos com os salários. J. L. afirma que ganhavam em média dois salários e meio no frigorífico. Nas cerâmicas eles recebiam por produção. Entretanto, essa não era a visão de todos os trabalhadores:

[...] na década de 1970, no Frigorífico tinha [manifestações], mas na cerâmica não. Respondeu a mulher. – É uma vez eles me chamou, uma turma, tava uns oito. Aí eles falou: vamos lá embaixo pedir aumento! Disse indicando com a mão a direção do frigorífico. – Vamo lá! Continuou ele – Eu falei: vocês vai, depois eu vou que se for nós tudo (aí que pra mim é parte de ignorância, né?). Aí num foi ninguém, aí ficou todo mundo me acusando... Falei: ces é o bam, ces vai, depois eu vou ... Vai de um e um. Ces pede rpa voces depois eu deço, vou peço pra mim.

Outros depoimentos demonstram a intervenção direta do patrão nos movimentos organizados pelos trabalhadores

[...] e falou você vai entrar com nós na greve. Mas eu trabalhava peça de fazer piso eu era chefe da seção lá, né? Eu comandava tudo, eu falei: eu e minha turma ninguém num vai não. Aí passou aquela greve, eles mandou três embora, é: o seu Leocárdio, o Havair e o outro eu não me lembro que naquela época foi mandado embora. Aí meu patrão no outro dia: pára a máquina aí e vem cá! Aí, pois não uai... Aí cheguei lá: porque você não participou dá greve? Num participei que, finalmente estou satisfeito com o meu ordenado, com o meu pagamento, então não é problema deu participar dessa greve. E se eu te mandar embora quê que acontece? Uai não acontece nada, o Sr. é o meu patrão eu vou obedecer à ordem do senhor. Aí ele disse: tal dia você está convidado a ir lá na audiência a ir contra o Leocárdio o Havair e o outro fulano. Aí eu falei para ele: e se eu falar para o senhor que eu num vou. Eu te mando embora. Aí fica melhor. Que ao invés... o senhor me manda embora, eu tenho meus acertos, meus direitos, eu vou ter você o senhor a favor dos dois, dos três colegas meu lá e vou levar mais testemunhas inda, que o senhor tá me obrigando a ai depor contra [...] (V.P.A).

O depoimento de J. L. é interessante, pois relata sobre a organização do sindicato

[...] eu fui, eu tive num período de uns 4 anos como diretor de sindicato. E, e, e, nós começamos desenvolver isso aí. Então, criou a associação, depois era 2 mil e poucos funcionários, é inscritos. Envolveia (funcionários) da Boa Sorte, Frigorífico, Cebrasa e algumas máquinas de arroz. Então, não existia greve, a gente foi começando organizando o pessoal pra se conscientizar dos direitos deles, né? E, trabalhar em prol de melhorar o salário e também a produção, não é? Nós tinha agir a CIPA que organizava pra evitar acidente que na época existia muito acident cortes essas coisas. [...] A, nos conseguimos através de sindicato: prêmio de produção, hora extra dobrada no domingo, nos feriados, né? Conseguimos prêmios que era cinco por cento, era prêmio de produção né? Era cinco por cento, é cinco centavo (R\$ 0,05) por cabeça de cada abatida. Eu sei que na época, acho que salário era cento e vinte cruzeiros (Cr\$ 120, 00) e a gente tirava. Conseguimos salubridade que era 40%, a gente pegava uma média de 2 salários e meio e tal com esse né? Graças a Deus a gente conseguiu.

No tocante ao cotidiano da vida que move as pessoas no dia a dia, nas dimensões do lar, da religião, do lazer, entre outras, as informações são relevantes. No mapa da memória dos habitantes, no projeto de loteamento da Vila havia três (3) ruas que atravessavam e seis (6) ruas que desciam. A rua de baixo do setor que era logo acima da cerâmica São Vicente passou a ser chamada de Rua Cerâmica. As ruas, na época, eram cheias de buracos, sem asfalto e com pouca estrutura para os moradores. As casas eram simples com pouca arquitetura, de alvenaria e em sua maioria os operários, com o passar do tempo tinham que aumentá-las para abrigar com mais conforto a sua família. Os pequenos armazéns foram sendo construídos para atenderem a necessidade dos moradores. A fé de cada um os levou a construir a pequena igreja católica, que ainda existe no bairro.

No período (1950-1970), a infra-estrutura do complexo das moradias operárias era precária, pois as ruas não eram asfaltadas não havia esgoto, posto de saúde, água tratada, com pouco espaço para o lazer. Além das poucas casas, havia uma igreja pequena (cujo lote foi doado por Vicente Carrijo de Mendonça) o Clube do Mago, escola e poucos comércios.

O entrevistado J. L., que chegou em 1951, relata que, além das indústrias, havia apenas 14 casas, muito mato e pouca estrutura educacional, sendo uma pequena escola com quatro salas. O setor era cercado por indústrias de cerâmicas e pelo frigorífico. As casas do conjunto Friboi e da Colônia das Cerâmicas eram habitadas pelos trabalhadores das indústrias, cuja construção era padronizada. Essas casas tinham áreas de 38m². O Sr F. D. relata como era a Vila Fabril quando ele chegou:

[...] Ah, que eu acho bom aqui é a vizinhança, tudo boa né? Esposa: tem umas comunidade boas né? Quando a gente mudou pra cá, isso aqui era tudo, todo ruim de chão, né? Não tinha asfalto, né? Agora, graças a Deus já é uma Vila asfaltada, uma Vila limpa. – Água encanada. Interrompeu o marido. Muita coisa já tem, mas tá precisando de muita coisa. Uma coisa aqui que não tem: é de asfaltar daqui lá no asfalto, né? Que é o caminho nosso (apontou a direção) que não tem esse asfalto. Interrompeu o marido: É, com essa cadeira aí é difícil (mostrou sua cadeira de roda) uma buraqueira. – Então fica prejudicando nós, não temo como! Pra lá pra Fabril tudo é ótimo (a casa deles é na antiga colônia da cerâmica, paralelo à Vila) Gente asfalto, gente tem supermercado, gente tem farmácia, a Fabril é um lugar ótimo pra gente morar. Um lugar bem sussegado. Concluiu ela.

[...] Foi que teve as derrotas, mas teve as vitórias também, né? As derrotas sempre vem, né? Mesmo que a gente não espera, vez em quando aparece. Disse ele. – Aqui é tão bom que a gente nem pensa em sair daqui. Disse ela. Continuou Sr. Francisco: que eu mesmo sabia que quando a gente ficava velho, perdesse as forças, a gente ficava doente, né? É fim de toda pessoa, mas isso aqui pra mim foi um choque (falou segurando a perna amputada com desdém) isso nunca esperava acontecer. É problema... Acontece, né? Problema da vida!

Ilustra a realidade do trabalho coletivo dos moradores da Vila Fabril a construção conjunta da Sede do Clube do Mago (time de futebol da vila), a qual foi erguida por uma ação dos trabalhadores e do proprietário do frigorífico. Neste local, nas noites organizavam-se atrações diversas para os moradores da Vila (comemorações, festas, instalação de televisão). Segundo o morador Manuel Miguel do Nascimento, a sede foi construída em 1963, e os encontros eram muito bons. Mas, também, ocorriam festas relacionadas aos calendários festivos da igreja. Os relatos falam dos bailes e pagodes, e das festas de casamentos e do Clube do Mago.

[...] foi mais uma coisa social, eu num me lembro o nome dele, de um diretor que nós tivemos aqui, porque aqui nós tinha o Clube do Mago, um time de futebol que foi várias vezes campeão, né? E muitas vezes, quando jogava fazia um jogo no municipalzinho, subia aqui 3, 4, 5 até 10 carreta leva o pessoal. Foi uma época boa, realmente tinha um clube. Infelizmente, eles deixaram acabar, né? Então eles foram uma sociedade entre o, o, o os trabalhador da época. (J.L.)

No frigorífico tinha muita festa boa. Respondeu a esposa. – Agora, na cerâmica teve um casamento. Disse o Sr. Francisco. – É mais aí num é festa dos funcionários. Contestou-lhe a esposa. – É não. Replicou o Sr. Francisco concordando com a esposa. –

Outro fato de suma importância para compreender o perfil e a dinâmica dos moradores foi a considerável migração de familiares da Vila Fabril para Irlanda. Em vários depoimentos foram acenados que pais, filhos, netos, sobrinhos, amigos, todos moradores do local, fizeram a migração internacional para Irlanda. Para se ter uma idéia da dimensão desse processo, o bairro, na Irlanda, onde residiam esses moradores recebeu o nome de Vila fabril, conforme depoimento de M.A. (2009). Em outro depoimento o Sr. F.R.V., e sua esposa nos contam:

Minha família tá toda lá, tenho lá dois filhos, tem um genro, uma neta, tem nora, sobrinho. Respondeu a esposa. –Duas noras, cunhado, sobrinho e uma neta. Disse Sr. Francisco. – Meus filhos ta tudo pra lá, porque fechou as indústrias, foi pra lá, aí tem aquele negócio de estudo. Os filhos da gente não teve estudo. A gente nunca teve oportunidade de dar estudo pra eles. Aí fechou tudo aqui, num pode ficar aqui, teve que ir embora pra lá, lá num precisa você estudar pra trabalhar, Hoje já tem 8, 10 anos que meus filhos ta tudo pra lá.

A partir dos anos de 1970 iniciou o processo de fechamento de várias indústrias, seja olaria, seja cerâmica, ou ainda o frigorífico. Para historiadores locais as fabricas ali localizadas perdem sua função econômica, já que nesse momento havia várias outras indústrias dessas modalidades nas cidades de Goiânia e Brasília que também atendiam a demanda de material de construção de Anápolis. Além disso, o Distrito Agro-Industrial de Anápolis já era uma realidade e, evidentemente, proporcionou, para alguns dos operários, mudança de emprego e de moradia dentro da própria cidade de Anápolis.

3 - Considerações finais

O cotidiano da Vila Operária Fabril foi marcado por lutas e formas de organizações dos trabalhadores no mundo do trabalho e da vida.

Em termos de considerações finais, hoje a Vila Operária Fabril, conta com assistência dos serviços públicos de água tratada, energia, pavimentação da maioria das ruas, rede de esgoto, tem uma escola com ensino fundamental e médio, tem posto de saúde; o setor dispõe de produtos de necessidades básicas: farmácia e mercado. Possui diversas igrejas evangélicas e uma capela da igreja católica. J. L., que foi presidente do

Sindicato e também da Associação dos Moradores da Vila, relata que eles demoram muito para conseguir os serviços públicos para a Vila.

Muitos, dos antigos trabalhadores, ainda moram na Vila, e quando perguntados sobre qual a avaliação que fazem do lugar (TUAN, 1983), em sua maioria falam positivamente, referindo-se às melhorias obtidas com o passar dos anos. Gostam do tipo de solidariedade, e de estarem em comunidade e, ainda, juntos com alguns dos antigos moradores. Segue o depoimento do Sr. F e de sua esposa para melhor ilustrar nossa afirmação:

[...] Ah, que eu acho bom aqui é a vizinhança, tudo boa né? Esposa: tem uma comunidade boas né? Quando a gente mudou pra cá, isso aqui era tudo, todo ruim de chão, né? Não tinha asfalto, né? Agora, graças a Deus já é uma Vila asfaltada, uma Vila limpa. – Água encanada. Interrompeu o marido. Muita coisa já tem, mas tá precisando de muita coisa.[...] Que é o caminho nosso (apontou a direção) que não tem esse asfalto. Interrompeu o marido: É, com essa cadeira aí é difícil (mostrou sua cadeira de roda) uma buraqueira. – Então fica prejudicando nós, não temo como!

Sobre o assunto também o Sr Valdivino José da Silva nos conta:

Tempo do Bordon foi muito bom, época melhor que a gente trabalhou foi a época do Bordon. O povo... Só aqueles que não via que eles fazia pra gente é que num agradece. Eu da minha parte tenho muito agradecer! Inclusive o dono do Bordon, seu Geraldo que já faleceu, o filho dele que já faleceu, mas agora é o Friboi, as coisas tão modernizando, né? Então as coisas tão muito diferente daquela que trabalhei.

Ao se trabalhar com memória estamos caracterizando um tempo e um espaço. O período de trinta anos, de 1950 a 1970, foi pensado por acreditarmos que diversas são as transformações ocorridas que configuram novas paisagens em substituição a velhas paisagens urbanas, mas que algumas velhas paisagens são mantidas como refratário da memória de uma sociedade. Aqui estamos falando de uma sociedade que se organizou em um espaço urbano que constantemente sofre alterações materiais e simbólicos, marcados ora por fatores econômicos, ora por fatores políticos, ora por fatores sociais e/ou culturais.

Bibliografia

- ARANTES, Antonio. *Paisagens Paulistanas – transformações do espaço público*. Campinas/SP Editora UNICAMP. São Paulo: Imprensa Oficial, 2000.
- BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BERNARDES, Genilda D. TAVARES, Giovana G. *MEMÓRIA E LUGAR: estudo da memória urbana da Vila Fabril/Anápolis/GO (1950 – 1970)*. Projeto de pesquisa financiado pela FUNADESP/UNIEVANGÉLICA, 2008 (mimeografado).
- BLAY, Eva Alterman. *Eu não tenho onde morar – vilas operárias na cidade de São Paulo*. São Paulo: Nobel, 1985.
- BOSI, Ecléia. *Memória e Sociedade – lembranças de velhos*. São Paulo Companhia das Letras, 1994.
- CARPINTEIRO, Marisa. V. T. *Imagens do conforto; a casa operária nas primeiras*

- décadas do século XX em São Paulo. In: BRESCIANI, Stella. **Imagens da cidade** – séculos XIX e XX. São Paulo: Marco Zero, 1994, p. 123-146.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano – artes de fazer*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1996.
- CERTEAU, Michel de. GIARD, Luce. MAYOL, Pierre. *A invenção do cotidiano – morar, cozinhar*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1996.
- CHIAROTTI, Tiziano M. *Museu Histórico: breve contextualização e função social*. Caderno de Pesquisas. Ano 01, n. 01, Dez/2009, p. 09-14.
- CIAVATTA, Maria *O mundo do trabalho em imagens – a fotografia como fonte histórica* (Rio de Janeiro, 1900-1930). Rio de Janeiro: DP&A editora, 2002.
- FABRIS, Annateresa. *Fragmentos Urbanos – representações culturais*. São Paulo Nobel, 2000.
- GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história*. São Paulo; Companhia das letras, 1989.
- HELLER, Agnes. *O Cotidiano e a História*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- HOBBSBAWN, Eric J. *Mundos do Trabalho*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- LAVILLE, Christian & DIONNE, Jean. *A construção do saber - manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.
- LOBO, Lúcia L. BRANDÃO, Ana M. de L. LISSOVSKY, Maurício. A fotografia como fonte histórica – a experiência do Cpdoc. *Acervo – Revista do Arquivo Nacional*, v. 02 n. 1 jan/jun, 1987, p. 39-52.
- LYNCH, Kevin. *A Imagem da Cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- MAGALHÃES, C. M. A paisagem fabril-têxtil no município de Itabira: uma experiência industrial no espaço rural. In: *Campo e cidade na modernidade brasileira*. Belo Horizonte: Argumentum, 2008.
- MINAYO, M.C.S. *Pesquisa social: Teoria, método e criatividade*. 19 ed. Petrópolis: Vozes, 2001
- POLONIAL, Juscelino. *Introdução a História de Anápolis*. http://www.ahistoriadeanapolis.com.br/artigos_detalhe.php?id_artigo=1&&id_autor=3. Acesso 28/07/2010.
- RANCIÈRE, Jacques. *A noite dos proletários – arquivo do sonho operário*. SP: Cia das letras, 1988.
- RIBEIRO, Suzana B. *1920- 1930 Italianos do Brás – imagens e memórias*. São Paulo: editora brasiliense, 1994.
- ROSSI, A. Z. O quintal da fábrica: um estudo de caso. In: *As imagens da cidade – séculos XIX e XX*. São Paulo: Marco Zero, 1994.
- SANTOS, M. O. As vilas operárias “ensinaram” a morar e a conviver: o caso da Vila operária da Boa Viagem na cidade de Salvador. In: *Campo e cidade na modernidade brasileira*. Belo Horizonte: Argumentum, 2008.
- SEGAWA, Hugo. *Ao Amor do Público – jardins no Brasil*. São Paulo: Studio Nobel, 1996.
- SOUZA, Maria França de. A Formação Histórica da Cidade de Anápolis e a sua Área de Influência Regional – Comunicação apresentada na 2ª sessão de estudos, Equipe B, no dia 3 de 1973 – Separata dos Anais do VII Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História (Belo Horizonte, 2 a 8 de setembro de 1973); São Paulo, 1974.

TAVARES, G. G. MORAES, Z. C. de *A (re) contando a história através da oralidade* – um estudo da vila operaria fabril – Anápolis/GO (1950 -1980). Educação e Mudança, jan/jun, 2005, p. 62- 68.

THOMPSON, E.P. *Tradición, revuelta y consciencia de clase*. Estudios sobre la crisis de la sociedad preindustrial. Barcelona; editora critica, 1979.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado* – história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1992.

TUAN, Yi-fu. *Espaço e Lugar*. São Paulo – Difel, 1983

